

O LIVRO PERDIDO DE TEÓFILO DIAS...

The lost book of Teófilo Dias...

Claunísio Amorim Carvalho¹

RESUMO

O presente artigo aborda sobre o livro de estreia do poeta maranhense Teófilo Dias (1854-1889), *Flores e amores*, publicado em Caxias no ano de 1874, e que desde o final do século XIX era dado como um livro perdido. Nosso objetivo foi rastrear a existência do livro, depois mostrar como alguns autores, ao longo dos séculos XX e XXI, por não conhecerem um único exemplar ou cópia do livro, tinham a sensação de que a obra fora perdida para sempre. Em seguida, abordamos como o livro foi também ignorado por muitos autores e mostramos indícios de que tenha sido renegado pelo próprio Teófilo Dias. Tudo isso levando à pergunta: será possível que o livro seja encontrado?

Palavras-chave: Flores e amores; Livro perdido; Poesia.

ABSTRACT

This article deals with the debut book by the poet Teófilo Dias from Maranhão (1854-1889), *Flores e amores* [*Flowers and loves*], published in Caxias in the year 1874, and that since the end of the 19th century was given as a lost book. Our goal was to trace the existence of the book, then show how some authors, throughout the 20th and 21st centuries, because they did not know a single copy or copy of the book, had the feeling that the work was lost forever. Then, we discuss how the book was also ignored by many authors and show evidence that it has been disowned by Teófilo Dias himself. All of which leads to the question: is it possible for the book to be found?

Keywords: Flowers and loves; Lost book; Poetry.

1 INTRODUÇÃO

Em 2011, ao participar do II Simpósio do Maranhão Oitocentista, realizado em São Luís, expusemos a comunicação oral intitulada “Poeta e sobrinho de poeta: Teófilo

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Dias em questão”. Para quem não está familiarizado com o nome, estamos falando de Theophilo Odorico Dias de Mesquita (1854-1889), advogado, jornalista, político e poeta, nascido em Caxias (MA), e falecido na capital paulista. Ao longo do texto, como se verá, optamos pela forma já consagrada “Teófilo”, em vez da original. Autor, entre tantos, de *Fanfarras* (1882), livro que teria inaugurado a estética parnasiana no Brasil, o que, por si só, já legaria ao autor e à obra um lugar de destaque na História da Literatura Brasileira, ainda que estudos críticos específicos o situem entre o Parnasianismo e o Simbolismo; mas é comum autores divergirem sobre o assunto, como Frederico dos Reis Coutinho (1956, p. 240), para quem Teófilo é “parnasiano convicto”, ou Teixeira Bastos (1895, p. 70), que chega a dizer que Teófilo “Não é um *parnasiano*, embora possua, como elles, o esmero da fôrma”. Isto, porém, não está em questão agora.

Além de ter transitado pelo Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, pela Faculdade de Direito de São Paulo, pelo meio jurídico e por redações de jornais, onde ficou conhecido como poeta, e ainda por ter sido deputado provincial por São Paulo, ele também carregava o peso de ser sobrinho de Gonçalves Dias, cujo nome estava alçado à altura de maior poeta do Brasil. Como outros poetas oitocentistas, Teófilo faleceu precocemente, em 1889, aos 34 anos. Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras – ABL (1897), foi escolhido por seu amigo Afonso Celso para patrono da Cadeira n.º 36 daquela Casa. Aliás, Teófilo também é patrono das Cadeiras n.º 19, fundada por Maranhão Sobrinho, na Academia Maranhense de Letras - AML (1908); n.º 33, fundada por Amadeu Amaral, na Academia Paulista de Letras - APL (1909); e n.º 21, fundada por Silas Marques Serra, na Academia Caxiense de Letras – ACL (MA) (1997).

Destacamos no Simpósio alguns aspectos dos seus versos, relevando os temas: abolição da escravidão, crítica ao regime monárquico e defesa da república. Para tanto, dispúnhamos da antologia *Poesias Escolhidas*, publicada em 1960 pelo Conselho Estadual de Cultura (SP), com seleção, introdução e notas de Antonio Candido. Pois foi justamente no texto introdutório de Candido que algo nos chamou bastante a atenção. Aspas para o crítico literário: “O primeiro livro de Teófilo Dias teria sido **Flores e Amores** (Maranhão, 1874), registrado por Sacramento Blake; Clementino Fraga observa que talvez não reste dêle um único exemplar” (CANDIDO, 1960, p. 16, grifo do autor).

O instinto foi logo despertado, motivado por aquela curiosidade tão necessária à pesquisa historiográfica. Imaginar que certo tipo de incêndio alexandrino consumira também a obra de estreia de Teófilo Dias causava-nos um incômodo, e estávamos dispostos a investigar o caso. Seguiríamos os indícios, os rastros deixados pelo livro, como proposto no famoso ensaio “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, do historiador italiano Carlo Ginzburg (2007, p. 143-179). Quando começamos, não sabíamos o que encontraríamos.

2 LIVRO RASTREADO

Primeiramente, deveríamos rastrear a existência da obra, e o caminho estava indicado no texto de Antonio Candido. Antes, porém, temos de informar que *Flores e*

amores é também o título do primeiro volume do *Cancioneiro*, de João Lemos, jornalista, dramaturgo e poeta português, publicado em Portugal em 1858. Não sabemos que relação poderia ter a obra do maranhense com a do português; o mais provável é que fosse apenas uma coincidência.

Então, começamos por Sacramento Blake, citado por Candido. De fato, o crítico e escritor baiano escreveu, no tomo VII do seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, sobre Teófilo Dias, o seguinte:

[...] Os livros que publicou são:
- *Flores e amores*: poesias. Caxias, Maranhão, 1874. 129 pgs.
- *Cantos tropicaes*: poesias. S. Paulo, 1878.
- *Lyra dos verdes annos*: poesias. S. Paulo, 1878.
- *Fanfarras*: poesias. S. Paulo, 1882.
- *A comedia dos deuses*: poema precedido de uma introdução por M. Pinheiro Chagas. S. Paulo, 1888. [...].
(BLAKE, 1902, p. 269)

Ressalte-se que o livro *Lira dos verdes anos* deveria ter sido publicado em 1876, mas só veio a público em 1878, e, portanto, cronologicamente é o segundo livro de Teófilo Dias, não o terceiro. Em nota introdutória ao livro *Lira dos verdes anos*, é o próprio poeta quem esclarece: “Por motivos que não vêm ao caso referir, este livro, que devera ser publicado em fins de 1876, só agora, ao cabo de quase dois anos, aparece”. E conclui: “Sirva esta declaração de desculpa ao autor, que pensava de modo muito diverso do que hoje quando compôs estes versos./ Maio – 1878” (DIAS, 1878). Esses “motivos” são revelados pelo professor Wellington de Almeida Santos (2012, p. 7-8): “*Lira dos verdes anos*, com poemas escritos em 1875 e 1876, livro que deveria ter sido lançado dois anos antes, não fosse a espera frustrada de um prefácio de Francisco Otaviano [...]”. O livro foi publicado em 1878 sem prefácio. E deveria se chamar *Cantos tropicais* (o nome do terceiro livro), conforme nos revela Jacques Senna (1875, p. 4), que teve contato com os originais no ano de 1875.

Com respeito a *Flores e amores*, a informação mais antiga que se tem sobre o livro é anterior ao próprio lançamento e vem das páginas do *Diario do Maranhão*, jornal de São Luís, na edição de 22 de abril de 1874, onde se lê o seguinte:

Flores e amores. – É este o titulo de uma obra que brevemente vai sahir dos prelos da cidade de Caxias.
São poesias do Sr. Theophilo Dias de Mesquita que estão sendo impressas na typographia do *Commercio de Caxias*.
Será a primeira cidade do interior desta província que editará um volume, pois não consta que nas suas typographias tenham produzido mais que pequenos jornaes.
(DIARIO DO MARANHÃO, 22 abr. 1874, p. 2).

Algumas menções implícitas ao livro *Flores e amores* podem ser vistas através de colunistas da imprensa carioca, no ano de 1878, quando do lançamento de *Cantos tropicais*. É o caso de Franck (pseudônimo não identificado, mas com fortes indícios de ser de Arthur Azevedo, que usou vários deles nessa época), nas páginas de *O Mequetrefe*, na edição de 5 de outubro, quando fazia sua crítica a *Cantos tropicais*:

[...]

Foi exactamente isto o que fizemos aos *Cantos tropicaes*, cujo author conhecemos, não de hoje, mas desde o tempo que em Maranhão deu a luz a um pequeno folheto em que collecionou os seus primeiros trabalhos e depois viemos enconral-o occupando as columnas inedictoriaes da *Reforma* sob o nome de Mesquita.

[...] (O MEQUETREFE, 5 out. 1878, p. 5).

Escondido sob o pseudônimo de Dorante, o mesmo Arthur Azevedo (SICILIANO, 2014), no folhetim “Bric-à-Brac”, do *Diario do Rio de Janeiro*, edição de 6 de outubro, comenta o seguinte sobre o livro *Cantos tropicais*:

[...]

Um poeta lembra a outro.

Acabei de ler o terceiro livro de Theophilo Dias.

Ocupar-me-ei do meu querido Theophilo em separado.

Mas desde já previno:

Eu sou suspeito!

[...] (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 6 out. 1878, p. 1).

Sem sombra de dúvidas, ao considerar *Cantos tropicais* (1878) como sendo o terceiro livro de Teófilo, o colunista maranhense referia-se implicitamente aos dois primeiros, isto é, a *Flores e amores* (1874) e *Lira dos verdes anos* (1878).

Citação explícita ao livro é o que se lê no texto de Eloy, o Herói, outro pseudônimo de Arthur Azevedo (POMPÉIA, 1889, p. 115), na *Gazetinha* de 23 de abril de 1882, no seu elogio a *Fanfarras*, que acabara de ser publicado:

Cada livro de Theophilo Dias é um marco do progresso intelectual do aplaudido poeta.

A *Lyra dos verdes anos* está, para as *Flores e amores*, como os *Cantos tropicaes* estão para a *Lyra dos verdes annos* e as *Fanfarras* para os *Cantos tropicaes*.

Cada um desses volumes é um degrau da escada que tem conduzido o poeta ao patamar da invejável reputação que conseguiu.

O seu primeiro livro foi uma infantilidade; o segundo uma revelação; o terceiro uma confirmação; o quarto uma consolidação.

[...] (ELOY, 1882, p. 1).

Outro autor maranhense, Sá Vianna, no texto “A nova geração”, falou sobre o poeta o seguinte: “Em S. Luiz *Theophilo Dias* cursou o Instituto de Humanidades e depois o collegio de S. João Baptista. D’este foi para Caxias, onde publicou um folheto com seus primeiros versos” (VIANNA, 1880, p. 1). Ao que tudo indica, este “folheto” trata-se do livro *Flores e amores*.

Valentim Magalhães, amigo de Teófilo Dias e fundador da ABL, também sabia a respeito de *Flores e amores*, como fica claro nesta passagem:

[...]

Fazia versos, sonhava um futuro de glórias, esperava a consagração de poeta, pois deixara aqui, a imprimir-se, um volume de versos [*Lira dos verdes anos*], que, não sendo o primeiro que dava a lume, devia ser considerado como de estréa, pois o pouco que já havia feito e deixara no seu querido Maranhão não era mais que infantis e timidos ensaios.

Esse livro, que devia aparecer em fins de 1876, só em meados de 1878 veio a lume, sob o título de *Lyra dos verdes anos*.
[...] (MAGALHÃES, 1889, p. 1).

Quem também citou o livro de estreia de Teófilo Dias foi o Barão do Rio Branco, nas suas *Efemérides Brasileiras*, publicadas originalmente no *Jornal do Brasil*, desde o seu primeiro número em 1891. Lemos na efeméride de 29 de março de 1889:

Fallece em São Paulo um dos melhores poetas que teve o Brasil, Theophilo Dias. Nascera em Caxias (Maranhão) a 8 de Novembro de 1854 e era sobrinho do grande Gonçalves Dias. Na terra natal publicara a collectanea *Flores e amores*, mas as suas mais inspiradas poesias foram dadas a lume em São Paulo, de 1878 a 1888: *Cantos tropicaes*, *Lyra dos verdes anos*, *Fanfarras* e *A comedia dos deuses*. (RIO BRANCO, 1938, p. 263)

Já Eugênio Werneck, organizador da *Antologia Brasileira: coletânea em prosa e verso de autores nacionais*, com a primeira edição publicada em 1900 (como parte das comemorações do 4.º centenário do Brasil), colocou na bibliografia de Teófilo Dias os seguintes livros: “*Flores e amores*, poesias, *Lira dos verdes anos*, *Cantos tropicais*, *Fanfarras*, poesias, *A comédia dos deuses*, poema” (WERNECK, 1942, p. 412).

O professor Brant Horta, em seu livro *Análise literária e noções de Literatura*, cuja primeira edição saiu sem data, e a segunda, em 1938, também mencionou o livro:

Teófilo Dias, parente de Gonçalves Dias, nasceu no Maranhão em 1854 e morreu em 1889. Foi êle o implantador do parnasianismo no Brasil, com o seu livro intitulado – **Fanfarras**. Além deste publicou – **Flores e amores**. **Cantos tropicais**. **Lira dos verdes anos**, e o poema – **A comédia dos deuses** (HORTA, 1938, p. 282).

Frederico dos Reis Coutinho, organizador da antologia *As mais belas poesias brasileiras de amor*, cuja primeira edição data de 1946, foi outro que arrolou a obra de estreia de Teófilo Dias, na respectiva anotação biográfica:

[...] é eleito deputado provincial, cargo que exerce sem abandonar a imprensa e a literatura, em cujos círculos já granjeara renome desde os tempos de acadêmico, com seus livros de poesia “*Flores e Amôres*” (1874), “*Lira dos verdes anos*” (1876), “*Cantos tropicais*” (1878). Publicou também “*Fanfarras*” (1881) [sic], a “*Comédia dos deuses*” (1887), e “*Procelárias*”, de inspiração social este último. [...]
(COUTINHO, 1956, p. 239-240)

Outra referência a *Flores e amores* vem de Francisco Marins, no seu discurso de posse na Cadeira n.º 33 da APL, em 25/03/1966, sucedendo a Altino Arantes. Foram estas algumas de suas palavras relativas ao patrono Teófilo Dias:

Em fins de 1876 chegava à Paulicéia, talvez fascinado pelo renome de sua Faculdade de Direito, reduto e forja gloriosa de tantos nomes ilustres, um rapaz vindo do Maranhão e descendente da velha árvore do grande cantor dos “Timbiras”. Trazia debaixo do braço um volumezinho de primícias: “*Flôres e Amôres*”. Para Teófilo Dias não tinha sido fácil a luta até então. No Rio vagara, a compor versos, de uma “república” a outra, em dificuldades financeiras, e aqui, cuidava de ingressar no curso jurídico, aos 22 anos, idade em que a maioria já se formara. [...]
(MARINS, 1966)

Por fim, no ano de 1977, a Fundação Cultural do Maranhão, dentro da série “Conheça Nossos Escritores”, lançou o volume 3, intitulado *Teófilo Dias*, um opúsculo de 26 páginas. Na bibliografia do autor, *Flores e amores* (Caxias, 1874) aparece como a primeira publicação do poeta maranhense.

Como temos visto até aqui, há várias alusões à existência da obra *Flores e amores*, ao longo de quase um século.

3 LIVRO PERDIDO

Voltando ao texto de Antonio Candido (1960), o outro autor por ele citado é Clementino Fraga, sucessor de Afonso Celso na Cadeira 36 da ABL. Vale a pena ler o texto do médico, professor e político baiano, quando, em 10/06/1939, discursou em sua posse na Casa de Machado de Assis. Fraga disse o seguinte a respeito do patrono de sua cadeira: “Do livro de estreia *Flores e Amores*, publicado em 74, ainda no Maranhão, não há, talvez, nem um exemplar” (FRAGA, 1939).

Esta informação é relevante, pois era a constatação, no final da década de 1930, do completo desconhecimento da obra inicial de Teófilo Dias, para além do título, embora ali não se conteste sua existência. O texto do discurso foi publicado no volume 57 da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1939, e esse trecho específico da fala de Clementino Fraga foi citado na p. 215 de *Autores e livros - Suplemento Literário de “A Manhã”*, dirigido pelo também acadêmico Múcio Leão, no volume V, n. 16, de 14 de novembro de 1943, que homenageava Teófilo Dias. O eco das palavras de Fraga se fez ainda vibrar um pouco mais tarde nas linhas de Antonio Candido, já citado.

Muito oportuno também é citar o acadêmico maranhense Jomar Moraes, conhecido por ser um dos principais bibliófilos dos autores maranhenses, tendo editado, ao longo de sua carreira, vários deles, além de ter colaborado com muitos estudos. Na primeira ocasião, no seu *Bibliografia crítica da Literatura Maranhense*, de 1972, ele ignorou o livro de estreia de Teófilo Dias:

TEÓFILO DIAS

TEÓFILO ODORICO DIAS DE MESQUITA. Nascido em Caxias, a 29 de fevereiro de 1857. Falecido em São Paulo, a 29 de março de 1889. Patrono das cadeiras 36, da Academia Brasileira de Letras, e 19, da Academia Maranhense de Letras.

OBRAS PRINCIPAIS

Lira dos verdes anos. Rio de Janeiro, Tipografia Central, 1876; *Cantos tropicais*. Rio de Janeiro, Gonçalves Guimarães, 1878; *Fanfarras*, São Paulo, Dolivais Nunes; *A comédia dos deuses*, São Paulo, Teixeira & Irmão, 1887.

(MORAES, 1972, p. 47-48)

Mas na segunda, em 1987, na apresentação à edição maranhense de *Fanfarras*, levantando a dúvida, ele declarou o seguinte:

Até hoje pouco se sabe de sua vida no Maranhão, constando que teria sentado praça de soldado e atingido a graduação de sargento, e também que publicou seu primeiro volume de poemas, *Flores e amores*, em 1874, livro cuja existência continua posta em dúvida, porque dele não se conhecem exemplares. Sacra-

mento Blake, porém, registra esse título, informando que tem 129 páginas e foi impresso em Caxias (MORAES, 1987, n. p.).

Essa existência posta em dúvida chegou ao século XXI, e isso só diminuía quaisquer esperanças de um dia encontrar um único exemplar ou cópia do livro. Durante a pesquisa, encontramos a dissertação de mestrado de Fábio Martinelli Casemiro, com o título *Carne, imagem e revolta na lírica de Teófilo Dias*, na área de Teoria Literária e História, defendida na Unicamp no ano de 2008. Também ali lamentava o pesquisador que, tanto *Flores e Amores* quanto *Caxias*, “parecem ter sido perdidas” (CASEMIRO, 2008, p. 3-4). Diz Casemiro que a informação sobre a suposta obra *Caxias* ele extraía do site da Academia Brasileira de Letras referente à biografia do poeta. Provavelmente se equivocou o pesquisador, pois é isto o que lemos no respectivo trecho do site: “Da obra de Teófilo Dias merecem especial destaque: *Flores e amores*, Caxias, 1874; *Cantos tropicais*, São Paulo, 1878; *Fanfarras*, São Paulo, 1882; *Lira dos verdes anos*, São Paulo, 1878 e *A comédia dos deuses*, São Paulo, 1888” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2020). *Caxias* é apenas o local onde o livro foi publicado. Quanto a *Flores e amores*, Casemiro refere-se à informação anotada por Sacramento Blake, já citado anteriormente.

Dois anos depois, o mesmo autor publicou o artigo “Teófilo Dias e a natureza do Brasil moderno”, na *Revista Literatura em Debate*, e ali mais uma vez admitiu, sobre “*Flores e Amores*”, obra “não encontrada por mim e por nenhum outro crítico contemporâneo de Teófilo, sabe-se de sua possível existência pelo relato de um crítico baiano, também da segunda metade do XIX, Sacramento Blake” (CASEMIRO, 2010, p. 18). Já temos visto algumas alusões à obra que são anteriores a Sacramento Blake, o que não diminui em nada a pesquisa de Casemiro, dado ao grau de dificuldade enfrentado ao longo da década de 2000, dificuldade que conhecemos muito bem. Certamente seria diferente caso ele fizesse a mesma pesquisa 10 anos depois, suprido que seria com muito mais informações disponíveis na Internet.

Por último e bastante relevante, por ser o atestado dado pela própria Academia Brasileira de Letras, é o texto do professor Wellington de Almeida Santos, publicado em 2012 com o selo da ABL, referente ao patrono da Cadeira 36, dentro da Série Essencial, sobre os antigos membros da instituição (patronos, fundadores e outros ocupantes). Diz o autor sobre Teófilo Dias:

Antes, em 1874, teria estreado na literatura, com a publicação de *Flores e Amores* (1874), em sua cidade natal. No entanto, não se conhece qualquer exemplar dessa obra, embora Sacramento Blake tenha assegurado que o livro foi realmente publicado.

[...]

Em 1878, publicou simultaneamente os livros que marcaram sua verdadeira estreia literária: *Lira dos verdes anos*, com poemas escritos em 1875 e 1876, livro que deveria ter sido lançado dois anos antes, não fosse a espera frustrada de um prefácio de Francisco Otaviano, e os *Cantos tropicais*, obra que anuncia sua mudança de rumos poéticos, em face do anterior (SANTOS, 2012, p. 7-8).

Em suma, o que esses autores nos passam acerca de *Flores e amores* é a sensação, para não dizer certeza, de que, não tendo conhecimento de nem um só exemplar ou cópia do livro, provavelmente a obra tivesse se extraviado para sempre.

4 LIVRO IGNORADO

Outra tendência também muito comum ao longo de quase um século e meio foi ignorar o livro *Flores e amores*, e as razões podem ser as mais diversas, desde não ter a mínima ideia de sua existência até à de não achar relevante mencionar uma obra supostamente publicada. Poderia citar os compêndios de Literatura Brasileira, de autores como Sílvio Romero, José Veríssimo, Coelho Netto, Agripino Grieco, Antônio Soares Amora, Alfredo Bosi, etc., mas bastam aqui alguns notáveis exemplos.

É o caso do poeta Valentim Magalhães, que foi, não apenas contemporâneo, mas amigo de Teófilo, colega na Faculdade de Direito e companheiro nas lides poéticas daquele tempo. Já vimos anteriormente que ele sabia da obra *Flores e amores*, mas em *A Litteratura Brasileira*, na apresentação que fez do poeta maranhense, ignorou a publicação feita em Caxias em 1874:

THEOPHILO DIAS. Sobrinho de Gonçalves Dias e herdeiro do seu talento poético. Muito parecido intellectual e physicamente com o tio. Vindo do Maranhão para São Paulo, em 1875, ahi se matriculou na Academia, onde logo começou de se distinguir pelas suas poesias. Publicou a *Lyra dos verdes anos*, versos lyricos, impregnados da inspiração do tio, mas nos quaes já se revelava um poeta.
[...] (MAGALHÃES, 1896, p. 58)

Ato semelhante o fez outro companheiro de geração, o poeta Mello Moraes Filho, nas notas biográficas do seu *Poetas brasileiros contemporaneos*, publicado em 1903:

THEOPHILO DIAS. Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1857 [sic]. Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, tendo por contemporaneos Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Lucio de Mendonça e Affonso Celso J.^{or}, poetas que começavam a illustrar tão distincta geração. Foi collaborador de jornaes políticos e revistas litterarias; e temos desse formoso talento *Lyra dos verdes anos*, as *Fanfarras*, os *Cantos tropicaes* e a *Comedia dos deuses*.
[...] (MORAES, 1903, p. 332-333)

Outro imortal da ABL, Laudelino Freire, na anotação biográfica do poeta, ignorou completamente *Flores e amores*:

THEOPHILO DIAS de Mesquita
Sobrinho de Gonçalves Dias. Nascido em Caxias, no Maranhão, a 28 de fevereiro de 1857 [sic] e fallecido em S. Paulo a 29 de março de 1889. Bacharel em Direito e professor na Escola Normal dessa cidade.
BIBLIOG. *Lyra dos verdes anos*, Rio, 1876; *Cantos tropicaes*, Rio, 1878; *Fanfarras*, S. Paulo, 1882; *A Comedia dos deuses*, poema, 1887.
(FREIRE, 1913, p. 120)

Otto Maria Carpeaux, na *Pequena bibliografia crítica da Literatura Brasileira*, publicada em 1951, também não mencionou o livro:

Teófilo Dias
TEÓFILO ODORICO DIAS DE MESQUITA. Nasceu em Caxias (Maranhão), em 28 de fevereiro de 1857. Morreu em São Paulo, em 29 de março de 1889.

OBRAS

Lira dos verdes anos (Rio de Janeiro. Tip. Central, 1876); *Cantos tropicais* (Rio de Janeiro. Gonçalves Guimarães, 1878); *Fanfarras* (São Paulo. Dolivais Nunes, 1882).

(CARPEAUX, 1951, p. 152)

Paulo Carneiro, terceiro ocupante da Cadeira n.º 36 da ABL, discursou em sua posse no dia 04/10/1971, citando o nome de seu antecessor Clementino Fraga duas vezes, mas, de modo não convencional para esse tipo de ocasião, não mencionou nenhuma vez os nomes do patrono e do fundador da cadeira (CARNEIRO, 1971).

José Guilherme Merquior, em seu discurso de posse na sucessão de Paulo Carneiro, em 11/03/1983, citou nominalmente Teófilo Dias três vezes e aludiu apenas a *Fanfarras* dentre as obras do poeta maranhense (MERQUIOR, 1939).

João de Scantimburgo, sucessor de Merquior na ABL, em seu discurso, fez seis menções ao nome do patrono Teófilo Dias e a duas de suas obras, *Cantos tropicais* e *Fanfarras* (SCANTIMBURGO, 1992).

O ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em seu discurso de posse na ABL, em 11/09/2013, mencionou o patrono de sua Cadeira n.º 36, citando seu nome sete vezes, porém, sem nenhuma citação a qualquer de suas obras (CARDOSO, 2013).

O ex-governador de São Paulo, Altino Arantes, foi o segundo ocupante da Cadeira n.º 33 da APL, na sucessão do fundador Amadeu Amaral. Em seu discurso de posse, em 23/09/1930, fez duas rápidas alusões ao nome do patrono Teófilo Dias e nada mais (ARANTES, 1930).

O apresentador Jô Soares, em seu discurso de posse na APL, em 2016, quando passou a ocupar a Cadeira n.º 33, no lugar deixado por Francisco Marins, fez uma única menção ao nome do patrono Teófilo Dias, citando trecho de um poema do livro *Fanfarras* (SOARES, 2016).

Até mesmo Machado de Assis, nas páginas da *Revista Brasileira*, em 1879, ignorou *Flores e amores* e foi além, atribuindo a estreia de Teófilo à publicação de *Lira dos verdes anos*:

Quereis ver o opposto do Sr. Carvalho Junior? Lede o Sr. Theophilo Dias. Os *Cantos Tropicais* deste poeta datam de um anno: são o seu ultimo livro. A *Lira dos verdes anos*, que foi o de estreia revelou desde logo as qualidades do Sr. Theophilo Dias, mas não podia revelal-o todo, porque só mais tarde é que o espirito do poeta começou a manifestar vagamente uma tendência nova. [...] (ASSIS, 1879, p. 385).

Enfim, até aqui tudo normal, porque não havia como qualquer um deles falar de algo do qual não tinham conhecimento, talvez apenas do título.

5 LIVRO RENEGADO

A hipótese que sustentamos para o desaparecimento do livro e por ter sido ignorado há muito tempo é que o próprio autor tenha contribuído para isso, conquanto

não estejamos indicando nada de concreto. Quando ainda era vivo o autor, já chama a atenção o fato de o livro ser bastante ignorado, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas maiores cidades do Brasil, nas quais o poeta viveu e eram os grandes centros, não apenas econômicos e políticos, mas também de irradiação cultural do país.

Vejamos uma notícia na imprensa carioca quando se aproximava o lançamento de *Cantos tropicais*, em 1878: “Já entrou para o prelo o segundo livro de poesias de Theophilo Dias, intitulado *Cantos tropicaes*. / É editado pela conhecida casa dos Srs. Agostinho Gonçalves Guimarães & C.” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 jul. 1878, p. 1). Note-se que o terceiro livro do poeta é claramente chamado de segundo, pois ali se considera *Lira dos verdes anos* como sendo o primeiro, inclusive há várias alusões a este livro no mesmo jornal. Quanto a *Flores e amores*, para o jornal, é um livro que não existe. Poucos meses depois, por ocasião do lançamento de *Cantos tropicais*, o jornal insiste na mesma ideia: “Theophilo Dias acaba de lançar um segundo livro, sob o titulo *Cantos tropicaes*” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1 out. 1878, p. 1).

Alceste, colunista do *Diario do Rio de Janeiro*, escreveu no folhetim “Revista hebdomadária”, na edição de 9 de junho de 1878: “[...] E bello é tambem o primeiro volume de poesias de Theophilo Dias. [...] / Este primeiro volume intitula-se *Lira dos verdes anos* e não deve causar admiração nem estranheza ser quasi todo consagrado ao genero lyrico [...]” (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 9 jun. 1878, p. 1). Embora também tenha dito, a respeito de Teófilo Dias, na mesma página, que foi em Caxias “onde começou a poetar”.

Se houvesse de fato interesse de Teófilo Dias na informação a respeito de sua obra de estreia, não necessariamente sua divulgação ou reedição, não deveria ele se omitir disso, até para corrigir eventuais equívocos nas citações de sua bibliografia. Mas não foi isso que se viu em sua trajetória no Sudeste, onde se tornou um poeta famoso em seu tempo, pois *Flores e amores* havia sido deixado definitivamente para trás. Nenhum dos poemas desse livro aparece em quaisquer dos jornais e revistas da região, como aconteceu muitas vezes com os poemas dos demais livros dele. É sinal de que Teófilo o renegara.

A bem da verdade, é muito comum poetas estrearem bastante novos, com pouca ou nenhuma experiência poética ou literária; e não chega a ser incomum que, depois de um tempo, alguns deles sintam vergonha ou arrependimento por essa primeira publicação, preferindo ocultá-la ou mesmo renegá-la. Podemos aqui citar três importantes poetas brasileiros, nascidos no Maranhão, que integraram a Academia Brasileira de Letras e tiveram a experiência de renegarem seus primeiros volumes poéticos.

Raimundo Correia, fundador da Cadeira n.º 5, estreou com *Primeiros sonhos*, em 1879, aos 20 anos, versos escritos entre 1876 e 1879, sob inspiração romântica, de um romantismo já em fase cadente, livro que lhe deu projeção, mas também o pôs na vitrine das críticas. Logrou fama com *Sinfonias* (1883), *Versos e versões* (1887) e *Aleluias* (1891), tendo seu nome associado ao Parnasianismo, sendo ele um dos principais expoentes dessa estética no Brasil. Quando, porém, o próprio poeta resolveu fazer a sua famosa antologia, que intitulou *Poesias*, em 1898, e que teve três edições enquanto ele viveu e tantas outras depois, não incluiu nenhum poema de seu livro de estreia, evidência de tê-

lo renegado. *Poesias* é uma espécie de testamento poético do autor, sua aposentadoria das letras, uma vez que não publicou mais nenhum livro novo, desde 1891 até 1911, ano de sua morte.

Valdir Ribeiro do Val, biógrafo e um dos principais estudiosos da obra de Raimundo Correia, falou disso, comentando sobre *Primeiros sonhos*:

Nota-se-lhe a influência de Casimiro de Abreu e de outros românticos. Mas não se pode deixar de sentir um sopro de inspiração pessoal em muitos daqueles versos de adolescente, que o poeta iria renegar no futuro, não incluindo nenhum deles nas edições de *Poesias*. Ocultava-os mesmo, o quanto lhe era possível, como previra o seu amigo José Leão (VAL, 2006, p. 21).

Odylo Costa, filho, que ocupou a Cadeira n.º 15, estreou em 1929, aos 14 anos, com *Alvoradas*, publicado em Teresina; depois teve repercussão nacional com *Presença*, segunda parte do *Livro de Poemas de 1935*, em parceria com Henrique Carstens, publicado em 1936, e, depois de uma lacuna de três décadas, só voltaria a publicar novamente poesia em 1966, com *Tempo de Lisboa e outros poemas*, e vários outros nos anos seguintes, com destaque para *Cantiga incompleta*, de 1971. Esse livro de estreia, *Alvoradas*, que teve fragmentos publicados na imprensa maranhense em 1930, é quase totalmente ignorado por todos que aludem à sua bibliografia, e o próprio Odylo fazia questão de esquecê-lo. Só para se ter uma ideia, D. Martins de Oliveira, em texto de 1936, escreveu o seguinte: “[...] quem não ignora que Odylo detesta o seu primeiro livro de sonetos e poemas ‘Alvoradas’ [...]” (OLIVEIRA, 1935, p. 6). O livro *Alvoradas* é considerado hoje uma obra raríssima, que alguns dão inclusive como perdida, o que não se pode aferir aqui neste ensaio.

Ferreira Gullar, outro famoso poeta maranhense, autor de *Poema sujo e Dentro da noite veloz*, que ocupou a Cadeira n.º 37, estreou na poesia com *Um pouco acima do chão*, em 1949, aos 19 anos, ainda no Maranhão. Esse livro foi “renegado, tempos depois, pelo autor, que o considerou ‘obra imatura’” (TORRES, 2017, p. 30). Quando completou 50 anos, em 1980, já renomado, Gullar publicou sua poesia completa, intitulada de *Toda poesia*, que teve sucessivas edições. Mas excluiu o livro de 1949, abrindo o volume com *Luta corporal* (1954), que Gullar considerava o seu livro de estreia.

Pelo visto, por não ser incomum autores de renome renegarem suas obras de estreia, geralmente escritas e publicadas na adolescência ou saindo dela, é perfeitamente possível que a mesma atitude tenha seguido Teófilo Dias, antes de todos estes, ao ter preferido ocultar a obra publicada em Caxias, em 1874, esta que significou também a primeira experiência de publicar um livro no Maranhão sem ser na capital São Luís.

6 LIVRO ENCONTRADO

Para falar a verdade, a mera informação de que uma obra possa ter se perdido para sempre deixa triste quem tem afeição a livros. Quem não lembrará da enorme tragédia cultural, por exemplo, que foi o nefasto incêndio na antiga biblioteca de Alexandria?! Quantos autores não “deixaram de existir”, por não ter restado um único fragmento de seus escritos? Quantas informações úteis, crônicas, poemas, mapas, proposições,

desenhos, teoremas, catalogações e descobertas científicas não se perderam também? Se Clementino Fraga, Múcio Leão, Antonio Candido, Jomar Moraes e Fábio Casemiro não encontraram nenhum exemplar do livro, talvez fosse verdade.

Daí, nos perguntávamos se haveria um lugar no mundo onde o livro pudesse ter sobrevivido, como o último exemplar de uma espécie em extinção. Talvez na biblioteca de José Mindlin (1914-2010), bibliófilo que entrou para a ABL aos 92 anos. Dono de grandes coleções, de obras raríssimas e autógrafos incríveis, Mindlin generosamente doou sua gigantesca biblioteca para a USP, e este foi o maior legado do velho imortal. Mas daí a *Flores e Amores* ter sobrevivido numa de suas prateleiras era só uma vaga suposição.

Qual não foi nossa surpresa quando, em meados de 2020, descobrimos, quase por acaso, que uma cópia digitalizada de *Flores e Amores* estava disponível na internet, justo na internet, na Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa, hospedada no site <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br>. Não obtivemos informações ainda sobre o original que serviu à digitalização, ainda que tenhamos indagado a determinados órgãos, inclusive à UFSC, que tem o exemplar hospedado em sua plataforma. Lembramos da dracma perdida da parábola de Jesus e da alegria de seu resgate. Quis a Providência que restasse esse único exemplar, agora acessível ao público, embora com algumas páginas quase apagadas e rasuras, o que dificulta a leitura e algumas vezes até a impossibilita. Que mãos abençoadas terão feito esse incrível trabalho – talvez sem a devida consciência do que tinha diante de si – de digitalizar uma obra assim tão rara?! E onde estariam esses originais tão antigos? Ainda não temos essas informações. Contudo, eis que o livro ressurgiu, como a fênix mitológica em meio às cinzas, como o animal dado como extinto torna a aparecer, como alguém que voltou do coma depois de vegetar por muitos anos, enfim, como encontrar um tesouro que um dia o mundo deixou de procurar.

O livro tem 131 páginas e contém 52 poemas, foi publicado pela Typographia Maranhense, de Paulo Ribeiro, e é dedicado a João d'Almeida Oliveira, amigo de Teófilo Dias. O texto de Jacques Senna, de 1875, já citado, faz outra revelação: havia nos originais de *Lira dos verdes anos* (que tinha originalmente o título de *Cantos tropicais*) pelo menos um poema de *Flores e amores*, que era intitulado “Z”, cujos trechos são citados no referido texto de Senna e equivalem ao poema “À D. Z.”, que consta no primeiro livro do poeta.

De nítida inspiração romântica, com forte influência de Gonçalves Dias e dos ultrarromânticos, além de algumas traduções de poetas estrangeiros, o livro aguarda o seu primeiro estudo crítico, desde a sua publicação há quase 150 anos. Merece, é claro, uma nova edição impressa. Aliás, é chegado o tempo de publicar a obra completa do bardo maranhense, fato até hoje inédito, pela óbvia razão abordada ao longo deste texto.

E foi o que fizemos, ao enveredarmo-nos nesse grande projeto, pois laboramos também há alguns anos com edição de livros em São Luís. Lançaremos em breve a *Poesia completa* de Teófilo Dias (ISBN 978-65-991501-4-2), com os selos Edições AML (da Academia Maranhense de Letras) e Café & Lápis Editora, esta última responsável

pela editoração do livro, com estabelecimento do texto, apresentação e notas de nossa parte. Reunimos num único volume os cinco livros de Teófilo Dias: *Flores e amores*, *Lira dos verdes anos*, *Cantos tropicais*, *Fanfarras* e *A comédia dos deuses*, além de uma seção denominada “Poemas diversos”, com 16 poemas avulsos que encontramos alhures. Resta informar que essa obra completa será lançada pela primeira vez, 147 anos após a obra de estreia do autor e 132 anos após sua morte. Já era tempo!

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Teófilo Dias – biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/teofilo-dias/biografia>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- ARANTES, Altino. **Discurso de Posse na Academia Paulista de Letras**, em 23/09/1930. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=1122>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- ASSIS, Machado de. A Nova Geração. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, anno I, tomo II, p. 372-413, dez. 1879.
- AUTORES E LIVROS – Suplemento Literário de “A Manhã” [direção: Múcio Leão], vol. 5, n. 16, Rio de Janeiro, 1943.
- BASTOS, Francisco José Teixeira. **Poetas brasileiros**. Porto: Livraria Chardron, 1895.
- BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: DIAS, Teófilo. **Poesias Escolhidas**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura; Comissão de Literatura, 1960, p. 7-32.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**, em 11/09/2013. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/fernando-henrique-cardoso/discorso-de-posse>> Acesso em: 19 jun. 2020.
- CARNEIRO, Paulo. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**, em 04/10/1971. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-carneiro/discorso-de-posse>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Serviço de Documentação, 1951.
- CASEMIRO, Fabio Martinelli. Teófilo Dias e a natureza de um Brasil moderno. **Revista Literatura em Debate**, v. 4, n. 7, p. 17-29, ago.-dez., 2010
- CASEMIRO, Fabio Martinelli. **Carne, imagem e revolta na lírica de Teófilo Dias**. 2008. 206 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- COUTINHO, Frederico dos Reis (org.). **As mais belas poesias brasileiras de amor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Ed. Vecchi Ltda., 1956.
- DIARIO DO MARANHÃO. Maranhão, Anno V, n. 216, 22 abr. 1874.
- DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, Anno 61, n. 62, 9 jun. 1878.
- DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, Anno 61, n. 180, 6 out. 1878.
- DIAS, Teófilo. **Poesias Escolhidas**. Introdução, seleção e notas por Antonio Candido. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura; Comissão de Literatura, 1960. (Coleção Poesia)
- DIAS, Teophilo. **Lyra dos verdes anos** (poesias lyricas). Rio de Janeiro: Evaristo Rodrigues da Costa Editor, 1878.
- DIAS, Teophilo. **Flores e amores**. Caxias: Typographia Maranhense, 1874.
- FRAGA, Clementino. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**, em 10/06/1939. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/clementino-fraga/discorso-de-posse>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- FREIRE, Laudelino (org.). **Sonetos brasileiros** (século XVII-XX) - Collectanea. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1913.
- GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, Anno IV, n. 194, 16 jul. 1878.
- GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, Anno IV, n. 271, 1 out. 1878.

- GAZETINHA, Rio de Janeiro, Anno 1, n. 91, 23 abr. 1882.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 143-179.
- HORTA, Brant. **Análise literária e noções de Literatura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. J. R. de Oliveira & C., 1938.
- MAGALHÃES, Valentim. Escriptos e escriptores: Theophilo Dias. **Tribuna Liberal**, Rio de Janeiro, anno II, n. 120, 2 abr. 1889, p. 1-2.
- MAGALHÃES, Valentim. **A Litteratura Brasileira (1870-1895)**. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896.
- MARINS, Francisco. **Discurso de Posse na Academia Paulista de Letras**, em 25/03/1966. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=1000>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**, em 11/03/1983. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-guilherme-merquior/discorso-de-posse>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- MORAES, Jomar. **Bibliografia crítica da Literatura Maranhense**. São Luís: Departamento de Cultura, 1972.
- MORAES, Jomar. Um livro inaugural e seu autor. In: DIAS, Teófilo. **Fanfarras**. São Luís: Edições SECMA, 1987.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. **Poetas brasileiros contemporaneos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1903.
- OLIVEIRA, D. Martins de. Cadernos de poesias de 1935: anotações à margem dos poemas de Odylo Costa, filho. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 106, n. 291, 6 set. 1936, p. 6-7.
- O MEQUETREFE, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 140, n. 145, 5 out. 1878.
- POMPÉIA, Raul. Arthur Azevedo e Theophilo Dias. **Revista Sul-Americana**, n. 8, 1889, p. 115-116.
- REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, v. 57, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1939.
- RIO BRANCO, Barão do. **Efemérides brasileiras**. 2. ed. revista por Basílio de Magalhães. Rio de Janeiro: IHGB, 1938.
- SANTOS, Wellington de Almeida. **Teófilo Dias**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012. (Série Essencial, 054)
- SCANTIMBURGO, João de. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**, em 26/05/1992. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-de-scantimburgo/discorso-de-posse>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- SENNA, Jacques. Cartas literárias. **Brazil Americano**, anno 1, n. 13, 7 out. 1875, p. 4.
- SICILIANO, Tatiana Oliveira. **O Rio de Janeiro de Artur Azevedo: cenas de um teatro urbano**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2014.
- SOARES, Jô. **Discurso de Posse na Academia Paulista de Letras**, em 10/11/2016. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=1217>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- Teófilo Dias. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977. (Série “Conheça Nossos Escritores)
- TORRES, Sérgio. Letrista de MPB, a face-ta pop de Ferreira Gullar. **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 48, p. 30-33, 2017.
- VAL, Waldir Ribeiro do. **Itinerário poético de Raimundo Correia**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2006. (Coleção “Ensaio”, v. 11)
- VIANNA, Sá. A nova geração. **Diario do Maranhão**. Maranhão, Anno XI, n. 2161, 26 out. 1880, p. 1.

WERNECK, Eugênio (org.). **Antologia Brasileira**: coletânea em prosa e verso de autores nacionais. 22 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1942.